

1125 Osório ataca política habitacional do governo

O candidato a senador pelo PFL, Osório Adriano, defendeu ontem um reestudo urgente das prioridades e da política na área habitacional, assegurando que o modelo implantado no Brasil é incapaz de atender às necessidades da população. Ele acredita que a situação nacional, onde as grandes cidades incharam na forma de favelas, não difere em nada da realidade vivida no Distrito Federal.

— Nos seus mais de 20 anos de existência, o Banco Nacional da Habitação (BNH), possibilitou a construção de 4,3 milhões de moradias. Só que este número é inferior ao déficit habitacional existente no Brasil em 1963 — ou seja, um ano antes da criação do banco. Como esperar, então, que apenas a estrutura sustentada pelo BNH possa garantir, no futuro, a solução deste crucial problema de desenvolvimento? — questiona o candidato.

Osório reconhece que o crescimento desordenado do país, com a mudança radical do perfil rural para urbano, contribuiu para agravar este déficit de moradias. «O processo de industrialização iniciado em fins dos anos 50 detonou um abandono do campo e uma superpopulação das cidades grandes, que ficaram ainda maiores. Passamos, em 20 anos, de 45 para 67 por cento de população residente em áreas urbanas no Brasil, com graves consequências para o nível de vida. Tanto que, na década de 70, os censos acusavam um crescimento anual de 25 da população favelada em São Paulo. Era como se 150 migrantes chegassem a cada hora à maior cidade brasileira», analisa Osório.

O candidato do PFL asegura que o Distrito Federal não fugiu a esta grave anomalia. As invasões são a maior prova disto. «O DF, tem hoje uma carência de 120 mil moradias e existem somente 6.800 lotes disponíveis para construção, dentro dos atuais padrões de zoneamento urbano. E é bom lembrar que nem todos estes lotes são residenciais, ao contrário», revela Osório.

— A Shis (Sociedade de Habitação de Interesse Social), produziu em 1983 apenas 1.068 unidades e, no ano se-

guinte, este total aumentou para 2.700, sendo que 1.072, foram em Brazlândia, 477 em Taguatinga, 528 no Guará, 452 no Gama e 171 em Sobradinho — informa o candidato a senador, que levantou todos os números referentes à questão habitacional no Distrito Federal.

Osório Adriano também mostrou-se preocupado com o trabalho desenvolvido pela Terracap (Companhia Imobiliária de Brasília), que em 1984, licitou um total de 1.164 lotes, sendo 686 residenciais, 245 comerciais e 233 com outras destinações diversas. «As distorções são tremendas, porque destes lotes licitados há dois anos, e que tinham fins residenciais, apenas um era em Ceilândia, uma cidade onde, reconhecidamente, a população enfrenta gravíssimos problemas básicos, entre os quais se inclui a moradia», lamentou o candidato.

Para Osório, a única alternativa viável é a partir da Assembleia Constituinte, criar-se uma política habitacional moderna e compatível com as necessidades nacionais, a partir da constatação de que as grandes cidades brasileiras estão abrindo cada vez espaços maiores para a proliferação de favelas e invasões.

— O BNH, surgiu em agosto de 64, com um capital inicial de 910 mil dólares, fruto de um por cento sobre a folha de pagamento de todos os empregados sujeitos à CLT mais o imposto de 5 a 10 por cento sobre construção de propriedades com valor superior a 850 salários mínimos, e de 4 a 6 por cento sobre o valor cobrado em aluguéis. Dois anos mais tarde, o banco tornou-se auto-sustentável graças à lei 5.107, que destinou ao BNH a gestão dos recursos do FGTS. Mas, apesar de toda esta receita, fazem 15 anos que o banco enfrentou sua primeira crise de inadimplência e, hoje, ainda tem uma situação instável.

Osório Adriano completou defendendo o princípio da equivalência salarial para a definição dos reajustes nas prestações da casa própria, como forma de não penalizar o trabalhador, «que acaba destinando a maior parte do seu salário apenas para manter vivo o sonho de morar sob seu próprio teto».